



Revista PsiPro
PsiPro Journal
2(6): 17-28, 2023
ISSN: 2763-8200

MODIFICAÇÕES CORPORAIS: ENSAIO I

BODY CHANGES: ESSAY I

Recebimento do original: 15/11/2023
Aceitação para publicação: 12/12/2023

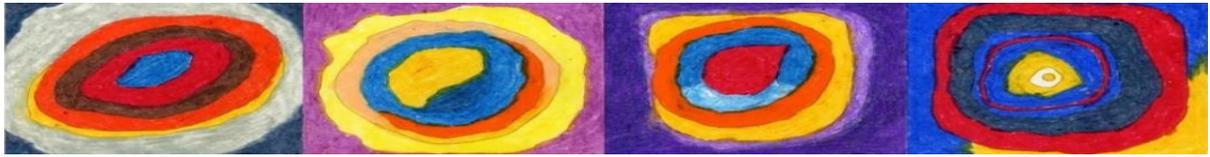
Antoniél dos Santos Gomes Filho

Mestre em Educação (UFC), pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia (NepecBio – URCA/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias (G-Pense – UPE/CNPq), professor da Universidade Regional do Cariri, Campos Sales. antoniél.historiacomparada@gmail.com

RESUMO: O intuito do presente ensaio é promover uma reflexão sobre como nossos corpos (partindo do meu) se modificam no cotidiano da vida, em especial quando fazemos uso de dietas e alimentos “saudáveis”, quando utilizamos hormônios e/ou suplementos alimentares, quando fazemos uma tatuagem ou colocamos brincos ou piercings, e/ou depilamos nosso corpo (influenciados ou não pelas redes sociais digitais). Para tal, faço uso de experiências e memórias pessoais que se entrelaçam com materiais acadêmicos, jornalísticos e midiáticos para compor a reflexão proposta. Por fim, proponho um diálogo inicial com Haraway e sua ideia de ciborgue.

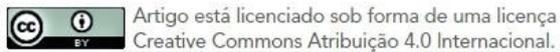
PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Redes Sociais. Ciborgue.

ABSTRACT: The aim of this essay is to promote reflection on how our bodies (starting with my own) change in everyday life, especially when we use diets and "healthy" foods, when we use hormones and/or food supplements, when we get a tattoo or put on earrings or piercings, and/or shave our bodies (influenced or not by digital social networks). To this



end, I make use of personal experiences and memories that are interwoven with academic, journalistic and media materials to compose the proposed reflection. Finally, I propose an initial dialog with Haraway and his idea of the cyborg.

KEYWORDS: Body. Social Networks. Cyborg.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

INTRODUÇÃO

O corpo parado é movimento. O corpo em movimento é modificação.

O início deste ensaio começa com uma reflexão que surgiu após uma prática de atividade física, quando estava jogando *beach tennis* junto com amigos e amigas num fim de tarde de domingo na primeira semana de março de 2023. Pois bem, aleatoriamente comecei a pensar, quando eu estou parado ou dormindo, meu corpo se movimenta: eu respiro, meus órgãos estão fazendo movimentos, meu coração está batendo, meu sangue está circulando, logo, mesmo parado, sob um olhar físico, eu ainda estou em movimento. Mas, quando começo a me movimentar, sair de uma inercia: correr, andar, falar, gritar, praticar atividades físicas, meu corpo é modificado.

No atravessamento da experiência pessoal, proporcionada pelos treinos de crossfit e os jogos de *beach tennis*, juntamente com as leituras, rascunhos textuais e aulas ministradas no ofício de professor universitário emerge, o presente texto. Informo ao leitor que sigo aqui as orientações de escritas apontadas por Deleuze quando diz que: “Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, contra-corrente, de redemoinhos com outros



fluxos [...]”¹. Logo, informo ao leitor/a que o fluxo que segue é o do corpo bio-físico-químico e do corpo sociocultural.

Assim, não é uma preocupação textual pensar um conjunto mais amplo de definições para o corpo e suas possibilidades de modificação através de uma longa revisão da literatura nas áreas de ciências humanas e sociais.

O intuito é promover uma reflexão sobre como nossos corpos (partindo do meu) se modificam no cotidiano da vida, em especial quando fazemos uso de dietas e alimentos “saudáveis”, quando utilizamos hormônios e/ou suplementos alimentares, quando fazemos uma tatuagem ou colocamos brincos ou piercings, e/ou depilamos nosso corpo (influenciados ou não pelas redes sociais digitais).

Converso neste ensaio, principalmente com: Soares (2015) e seu livro: *A Modificação Corporal No Brasil (1980-1990)*; e, Braz (2006) e seu texto de dissertação de mestrado: *Além Da Pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Assim como, as entrevistas de concedidas por Diabão Praddo e Mulher Demônia², disponíveis no Youtube³, assim como, outros materiais acadêmicos e jornalísticos se juntam ao fluxo aleatório de pensamento aqui proposto.

¹ Sobre o processo de escrita, digo que o texto apresentado é um ensaio do ensaio, uma espécie de treino. Tendo em vista que o ensaio, enquanto gênero textual, tem foco a apresentação de opiniões do autor que avalia, critica e observa uma determinada temática, em uma escrita mais livre, o presente texto ora ganha este caminho, ora se apresenta com passagens do gênero acadêmico científico.

² Michel Praddo e Carol Praddo, conhecidos socialmente como Diabão Praddo e Mulher Demônia são conhecidos no Brasil pelas modificações corporais consideradas extremas. Para maiores informações ver matérias jornalísticas disponíveis em:
<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/09/27/esposa-de-diabao-mulher-demonia-tirou-metade-das-orelhas-e-planeja-remocao-de-costelas-e-o-que-falta.ghtml>
<https://istoe.com.br/diabao-recebe-alta-e-mulher-demonia-agradece-gracas-a-deus-esta-em-casa/>

³ Entrevista concedida ao Podcast Galera do Bairro, disponível no Youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=WzErGR3btxE&t=5247s>



ENSAIO DE PENSAMENTOS ALEATÓRIOS SOBRE MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Na atualidade “há muito o que se discutir no que concerne os processos corporais na sociedade” (Soares, 2015, p. 21). Políticas públicas de saúde, assistência e educação, anúncios de produtos saudáveis nas TVs, influenciadores do “mundo fitness” e da nutrição nas redes sociais, novos medicamentos no setor farmacêutico, alimentos e suplementos alimentares, novas modalidades de atividades físicas e procedimentos estéticos (cirúrgicos ou não) são apresentados diariamente na sociedade brasileira por diversos meios e plataformas de comunicação físicas e digitais, como meio para modificar os corpos das pessoas e populações.

Os materiais jornalísticos nos dão um panorama de como o corpo tem sido palco de modificações diversas, desde aquelas que necessitam procedimentos mais invasivos, tais como cirurgias plásticas, até procedimentos menos invasivos e/ou removíveis, tais como tatuagens minimalistas e utilização de pequenos brincos e piercings. Soares (2015), destaca que é próprio da humanidade⁴ promover intervenções e modificações, sejam passageiras ou permanentes, no corpo, acompanhadas de justificativas, ora sociais, ora individuais. Escreve Soares (2015, p. 5), “Existe algum corpo no mundo que não tenha passado por algum processo de modificação corporal? A resposta que salta é negativa. Seja de forma consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, e ainda, pela alimentação, pelo cotidiano, pelos paradigmas

⁴ Vale ressaltar que tal proposição remete aos estudos elaborados por Marcel Mauss (1872-1950) em sua comunicação: *As técnicas do corpo* (1934). Para uma maior explicação ver: HAIBARA, Alice & SANTOS, Valéria Oliveira. 2016. "As técnicas do corpo". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/tecnicas-do-corpo>



estéticos, podemos afirmar que todo corpo é de uma forma ou de outra “mexido”: alterado, mudado, modificado, transformado”.

Concordando com Soares, e derivando de seus escritos, compreendendo neste texto, o conceito de modificação corporal como: toda e qualquer alteração, mudança, modificação e transformação no corpo, seja consciente ou inconsciente, voluntária e involuntária. Assim, para nortear a presente reflexão tomo como exemplo matérias jornalísticas sobre os procedimentos cirúrgicos para fins estéticos.

Pensando a realidade brasileira na contemporaneidade, creio que seja interessante apresentar alguns dados veiculados em matérias de jornais sobre o crescimento no número de cirurgias plásticas no Brasil. O Valor Econômico⁵ (2022) publicou a seguinte matéria: *Brasil ocupa o segundo lugar no ranking de países que mais realiza cirurgias plásticas*. O Jornal da Universidade da FURGS⁶ (2023) publicou: *Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo*. A BBC News Brasil⁷ (2018) publicou: *Por cirurgias plásticas mais baratas, brasileiros organizam no WhatsApp viagens até Bolívia e Venezuela*.

As matérias jornalísticas do Valor Econômico e do Jornal da Universidade da FURGS apresentam dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) para o ano de 2020, onde indicam que foram realizadas um total de 1.306.962 intervenções cirúrgicas estéticas no Brasil. Ambos destacam que, com esse número o país fica atrás apenas do Estados Unidos, todavia, entre os anos de 2018 e 2019 liderou o ranking.

⁵ Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2022/08/05/brasil-ocupa-o-segundo-lugar-no-ranking-de-paises-que-mais-realiza-cirurgias-plastica.ghtml>

⁶ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44830370>



Como bem aponta a matéria do Jornal da Universidade da FURGS, estamos tratando de intervenções cirúrgicas para fins estéticos e não para fins reparadores, onde, nesta última, há e/ou haveria uma alteração funcional que demandaria uma intervenção cirúrgica no campo médico.

A busca por modificações corporais para fins estéticos atravessa as fronteiras do país, quando se trata de pensar nos custos financeiros dos procedimentos. Como visto em reportagem da BBC News Brasil (2018), onde os custos dos procedimentos cirúrgicos na Bolívia e Venezuela podem chegar à metade do valor que seria cobrado no Brasil.

Esse brevíssimo panorama, ilustrado nos jornais brasileiros, me faz perguntar: por que as pessoas têm buscado intervenções cirúrgicas e estéticas para modificar alguma parte do seu corpo? E, quais modificações corporais são “aceitas” e estimuladas no âmbito social?

Como tentativa de resposta à primeira pergunta, retorno a pesquisa de Gouveia (2022), quando constata que historicamente foram emergindo padrões estéticos corporais, criando assim um tipo ideal de corpo, socialmente circulável; ou seja, um corpo com referências euro-estadunidense, em especial no que tange as questões raciais de branquitude. Todavia, é interessante observar como há uma mescla entre estas ideias de representação corporal com os contextos brasileiros, em especial quando pensamos na representação social da “mulher brasileira corpo violão”⁸.

Na atualidade, é notório que há tensões no que tange o estabelecimento de um único padrão corporal, todavia é necessário apontar os processos de circulação imagética nas redes sociais. Rossi (2017, p. 245) lembra que “boa parte da comunicação visual corrente nas

⁸ Sobre esse processo representação social ver: POCI, Bárbara Valle; CARVALHO, Cristiane de S. dos Santos de.; CUNHA, Glaucia Regina Santos. *Female body: the diversity of Brazilian forms*. In: 12^o Colóquio de Moda – 9^a Edição Internacional, 2016.

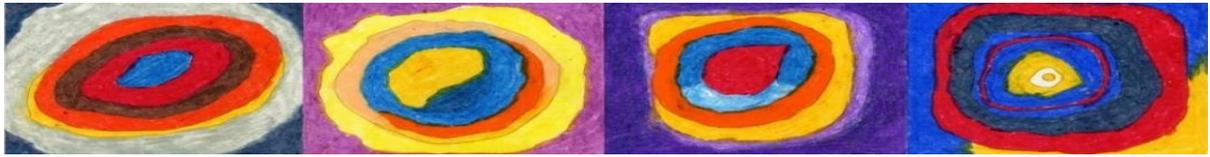


mídias digitais apoia-se no uso de imagens e referências televisivas e cinematográficas [...]”, ou seja, tais produções demandariam em momentos anteriores uma profissionalização para produção e veiculação das imagens, havendo assim uma escolha daqueles homens e mulheres que seriam os artistas e modelos sociais para o corpo, que eram considerados como *Sex Symbol*. Todavia, Rossi (2017), aponta que com o advento das novas mídias digitais, um conjunto de novos atores sociais começaram a produzir e compartilhar de modo não especializado imagens de si, e também, a modificar e ressignificar imagens já canonizadas no imaginário popular, uma vez que recursos de inserção e modificação de som e imagem estão disponíveis de modo gratuito e na palma das mãos. Logo, o corpo e seus ideários estão inseridos nas redes sociais, sendo este um fator de influência para que pessoas realizem modificações corporais⁹.

A segunda pergunta me deixa mais incomodado e reflexivo. Se compreendido que imagens corporais, com uma estética fitness, ou o que chamo de *Sex Symbol Popular*, compõem um padrão corporal socialmente aceito e buscado, porque alguns tipos de modificações corporais tais como: escarificações, implantes subcutâneos e/ou alguns modelos de tatuagens e piercings são tomados como estranhos e não aceitos socialmente.

Obviamente, tais modificações não estariam inseridas dentro de um rol estético socialmente compartilhado. Tomo como norte conceitual o termo inglês, *Body Modification* (consideradas extremas e/ou radicais) tal como assinala Braz (2006, p. 03): “São piercings em locais menos comuns, especialmente nos genitais, piercings alargados, como os

⁹ Sobre o tema ver: Soares, W. D., Oliveira, F. S., Almeida Júnior, J. C. S., & Alcântara, G. V. (2022). Influenciadores digitais na concepção da estética e nos hábitos alimentares de jovens e adultos. *RBONE - Revista Brasileira De Obesidade, Nutrição E Emagrecimento*, 14(91), 1391-1396. Recuperado de <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/1584>



alargadores de orelha (geralmente no lóbulo), escarificações (marcas feitas a partir de queimaduras ou cortes), implantes subcutâneos, bem como os ditos 'rituais' de suspensão.". (Re)pensando a partir do texto de Braz (2006), insisto na questão que é preciso observar as movimentações das redes sociais e ver que, algumas mudanças ocorreram no que se consideraria "estranho" no campo das *Body Modification*.

Em entrevista, a Mulher Demônia questiona por que algumas cirurgias estéticas são aceitas e as *body modifications* realizadas por ela e Diabão Praddo são vistas como estranhas e atravessadas pelo preconceito. Ao contar sobre suas experiências sobre *body modifications*, fala Diabão Praddo:

Diabão Praddo – [...] foi um bagulho que foi acontecendo e foi tendo mudanças, e eu fui achando legal e acabei querendo mais.

Entrevistador – É a tua vibe, você curte fazer essa vibe!

Diabão Praddo – Eu vejo uma parada, de repente no treino, né. Aí o cara chega, porra tá bom! Não, você sempre quer mais, quer tá com o braço maior, e tal. Qualquer pessoa assim, né. A pessoa faz uma questão estética e faz harmonização, ela faz uma limpeza de pele, ela tá invocada ali, não tem um padrão, não tem um limite, nunca para [...].

O corte da entrevista dá pistas de como algumas modificações corporais são aceitas socialmente, enquanto as *body modifications* são vistas com estranhamento. Como apresentado, é possível notar que determinadas formas de mudança corporal são geradoras de lucro, ou



seja, há um verdadeiro mercado da estética que promove a padronização social de um modelo corporal cuja estética é fitness¹⁰.

A promoção social desse padrão ocorre pelas vias das mídias digitais, instaurando assim uma visualização diária e cotidiana desse modelo, e tornando exótico corpos que não são modificados dentro dos padrões sociais, e excluindo os corpos que não seguem o padrão. Outro ponto a ser destacado, é, como algumas *body modifications* foram capturadas pelo mercado, em especial as tatuagens, que outrora eram consideradas símbolos de marginalidade e na atualidade constituem-se como um lugar de estética corporal socialmente aceita.

Lembro-me quando fui fazer minha primeira tatuagem, uma Pin Up, igual a de Amy Winehouse. Sempre escutei no meio familiar que fazer tatuagem era coisa de “malandro”, ou seja, uma fala associativa entre criminalidade e as marcações corporais. Todavia, nas experiências sociais com outros amigos e amigas, e por uma formação visual do corpo, atravessada pela minha inserção nas redes sociais, a percepção de “riscar” o corpo nada tinha a ver com uma concepção de violência, mas sim, uma percepção estética e de emancipação financeira, uma vez que, custear financeiramente a tatuagem teria que ser algo realizado por mim. Essa percepção era compartilhada por outros amigos da escola quando era adolescentes, e hoje já adultos e com condições financeiras, tal como Diabão Prado, hoje quero fazer mais e mais tatuagens. Nesse interim, surgem outros desejos de modificação corporal via cirurgia plástica e métodos estéticos não invasivos, desde uma limpeza de pele até fazer uma rinoplastia.

¹⁰ Ressalto: não tomo como debate neste ensaio os processos que envolvem as questões de saúde e bem-estar promovidos por um modelo e/ou estilo de vida. Me interessa pensar como os modelos corporais oriundos desse processo são capturados e compartilhados socialmente e são tomados como padrões corporais na sociedade brasileira.



CONSIDERAÇÕES FINAIS – *Pensando com Donna J. Haraway*

Haraway (2009, p. 36) em: *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, explica que, “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura de ficção.”, e: chama atenção ao fato que, a realidade social (política e ficcional) é o meio pelo qual se pode mudar o mundo.

Quando Haraway (2009) diz: “A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismo e máquina [...]”, começo a lembrar dos meus suplementos alimentares juntamente com os maquinários da academia de musculação, e de quando era criança que assistia o filme *Mortal Kombat*, onde o personagem Jax Briggs teve seus braços reconstruídos, recuperando assim sua função corporal e ampliando ainda mais sua força.

Então fico imaginando quantas coisas são produzidas nessa interface organismo-máquina, alimentos sintéticos ou modificados que devem estar nos meus suplementos alimentares, produtos que prometem um melhor desenvolvimento corporal, que se junta aos maquinários que servem para fazer com que os músculos cresçam, ou mesmo, a produção de hormônios sintéticos, que potencializam o meu corpo e o modificam.

Haraway, em seu ensaio, faz uma contestação do corpo, pois, o ciborgue não opera a luz do binarismo de gênero, assim como escapa dos mitos fundadores do ocidente para a humanidade. O corpo é então pura modificação e hibridização entre o humano-maquinarío-animal, ou seja, as potencialidades de cada um desses elos podem ser misturadas, modificadas e usadas para formar o humano-ciborgue. Qual a potência de sintetizar em laboratório um hormônio humano, animal e/ou criado via



maquinária biotecnológica para modificar o corpo? Uma vez usado, esse corpo muda, cresce, sente outros sentidos e sentimentos, outros prazeres psíquicos e sociais, vive ou morre.

O elemento máquina serve também como modo de pensar sobre os limites entre o natural e o artificial. Assim escreve, Haraway (2009, p. 42): “Elas não eram o homem, um autor para si próprio, mas apenas uma caricatura daquele sonho reprodutivo masculinista. Pensar que elas podiam ser outra coisa era uma paranoia. Agora já não estamos assim tão seguros. As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.”

Em tempos algorítmicos, meu corpo-ciborgue muda com a inteligência e influência da mente da máquina que sabe e reconhece os meus desejos, sentidos, gostos e prazeres que eu lanço nas redes sociais. Assim, quero sempre ir mais além, quero e preciso (mesmo não precisando) treinar mais meus músculos, seja no crossfit ou na musculação, quero aprender a jogar *beach tennis*, quero ler novos livros (mesmo que tenha vários que ainda não foram abertos), quero comprar mais perfumes nas lojas virtuais (mesmo tendo perfumes ainda embalados), quero isso, quero aquilo.

A máquina chega a um ponto de inteligência, que me governa, que me faz ser a própria máquina, uma vez que, nos retroalimentamos, assim, eu sou um ciborgue, mesmo que eu não queria, uma vez que não sei onde estou, pois o ciborgue ocupa espaços físicos e não físicos, ocupa o bar da esquina com a cerveja gelada, acompanhada de uma asinha de frango, e ocupa a rede social que fotografou, postou, compartilhou a cerveja gelada



com a asinha de frango, que são físicas, pegáveis, mastigáveis, mas também são digitalizáveis.

REFERÊNCIAS

BRAZ, Camilo Albuquerque De. *Além Da Pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas-SP, 2006.

DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GOUVEIA, Vitória Ricarte. "E EU NÃO SOU MULHER?": uma análise sobre os padrões de gênero e identidade feminina. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó-CE, 2022. Disponível em: https://sis.univs.edu.br/uploads/12/VITORIA_RICARTE_GOUVEIA.pdf

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tomaz Tadeu (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ROSSI, Túlio Cunha. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: Questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. *Tempo Social*, v. 29, p. 234-255, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/103981>

SOARES, Thiago Ricardo. *A Modificação Corporal No Brasil (1980-1990)*. Curitiba-PR: CRV Editora, 2015.